

Blog Universalista Holístico Serra da Mantiqueira

Natal- Vários Contos-V / Humberto de Campos-II

V- Gória do Natal

Senhor, Rei Divino projetado às sombras da Manjedoura, diante do teu berço de palha recordo-me de todos os Conquistadores que te antecederam na Terra. Em rápida digressão, vejo Sesóstris, em seu carro triunfal, pisando escravos e vencidos, em nome do Egito, e Cambises, rei dos Persas, ocupando o vale do Nilo, antes poderoso e dominador. Reparo as lutas sanguinolentas dos Assírios, disputando a hegemonia do seu império dividido e infeliz. Nabopolassar e Nabucodonosor reaparecem à minha frente, arrasando Nínive e atacando Jerusalém, cercados de súditos a se banquetearem sobre presas misérrimas para desaparecerem, depois, num sudário de cinza.

Observo, contudo, apenas o Gentio, na pilhagem e na discórdia, expandindo a própria ambição; o Povo Hebreu, apesar dos Desígnos Celestes que lhes fulguram na Lei, entrega-se, de quando em quando, à sementeira de miséria e ruína; revoluções e conflitos ceifam as Doze Tribos, e orgulho desvairado compele irmãos ao extermínio de irmãos. Revejo os Medas, açoitados pelos Cimerianos e Citas. Dario surge, ao meu olhar assombrado, envolvido nos esplendores de Persépolis para mergulhar-se, em seguida, nos labirintos do túmulo. Esparta e Atenas, entre códigos e espadas, se estraçalham mutuamente, no impulso de predomínio. Numerosos Tiranos dentro de seus muros, manobram o centro da governança, fomentando a humilhação e o luto. Alexandre, o Grande, à maneira de privilegiado, passa esmagando cidades e multidões, deixando um cortejo de lágrimas, atrás da fanfarra guerreira que lhe abre caminho à morte, em plena mocidade.

E os Romanos, Senhor? Desde as alucinações dos descendentes de Príamo ao último dos Imperadores, deposto por Odoacro, jamais esconderam a vocação do poder, arrojando povos livres ao despenhadeiro da destruição.

Todos os Conquistadores vieram e dominaram, surgindo na condição de pirilampos barulhentos, confundidos, à pressa, num turbilhão de desencanto e poeira.

Mas Tu, Soberano Senhor, te contentaste com o Berço da Estrebaria! Ministros e Sábios não te contemplaram, na hora primeira, mas humildes pastores ajoelharam, sorridentes, diante de Ti, buscando a luz de teus Olhos Angelicais.....

Hinos de guerra não se fizeram ouvir à tua chegada libertadora; todavia, em sinal de reconhecimento, cânticos abençoados de louvor subiram ao Céu, dos corações singelos que te exaltavam a Estrela Gloriosa, a resplandecer nos constelados caminhos. Os Outros, Senhor, conquistaram à custa de punhal e veneno, perseguição e força, usando exércitos e prisões, assassinio e tortura, traição e vingança, aviltamento e escravidão, títulos fantasiosos e arcas de ouro.

Tu, entretanto, perdoando e amando, levantando e curando, modificaste a obra de todos os déspotas e legisladores que procediam do Egito e da Assíria, da Judéia e da Fenícia, da Grécia e de Roma, renovando o mundo inteiro. Não mobilizaste solda-dos, mas ensinaste a um punhado de homens valorosos a luminosa ciência do sacrifício e do amor.

Não argumentaste com os Reis e com os Filósofos; no entanto, conversaste fraternalmente com algumas crianças e mulheres humildes, semeando a compreensão superior da vida no coração popular.....

E por fim, Mestre, longe de escolheres um trono de púrpura a fim de administrares o Reino Divino de que te fizeste embaixador e ordenador, preferiste o sólio da cruz, de cujos braços duros e tristes ainda nos endereças compassivo olhar, convidando-nos à caridade e à harmonia, ao entendimento e ao perdão.

Conquistador das Almas e Governador do Mundo, agora que os teus Tutelados afiam as armas para novos duelos sangrentos, neste século de esplendores e trevas, de renovação e morticínio, de esperanças e decepções, ajuda-nos a dobrar a cerviz orgulhosa, diante do teu berço de palha singela!..... Mestre da Verdade e do Bem, da Humildade e do Amor, permite que o astro sublime de teu Natal brilhe, ainda, na noite de nossas Almas e estende-nos caridosas mãos para que nos livremos de velhas feridas, marchando ao teu encontro na verdadeira senda da redenção.

VI- Oração do Natal

Senhor Jesus. Há quase dois milênios, estabelecias o Natal com a tua doce humildade na manjedoura, onde te festejaram todas as harmonias da natureza. Reis e Pastores vieram de longe, trazendo-te ao berço pobre o testemunho de sua alegria e de seu reconhecimento. As estrelas brilharam com luz mais intensa nos fulgores do céu e uma delas destacou-se no azul do firmamento, para clarificar o suave momento de tua glória.

Desde então, Senhor, o mundo inteiro, pelos séculos afora, cultivou a lembrança de tua grande noite, extraordinária de luz e de belezas diversas. Agora, porém, as recordações do Natal são muito diversas. Não se ouvem mais os cânticos dos pastores, nem se percebem os aromas agrestes na Natureza. Um presepe do século XX seria certamente arranjado com eletricidade, sobre uma base de bombas e de metralhadoras, onde aquela legenda suave do “Glória in excelsis Deo” seria substituída por um apelo revolucionário dos “Extremismos Políticos da Atualidade”.

As comemorações já não são as mesmas. Os Locutores de Rádio falarão da tua humildade, no cume dos arranha-céus, e, depois de programa armamentista, estranharão, para os seus ouvintes, que a tua voz pudesse abençoar os pacíficos, prometendo-lhes um lugar de Bem- Aventurados, embora haja isso ocorrido há dois mil anos.

Numerosos Escritores falarão, em suas crônicas elegantes, sobre as crianças abandonadas, estampando nos diários um conto triste, onde se exalte a célebre virtude cristã da caridade; mas, daí a momentos, fecharão a porta dos seus palacetes ao primeiro pobrezinho.

Contudo, Senhor, entre os superficialismos desta época de profundas transições, Almas existem que te esperam e te amam. Tua palavra sincera e branda, doce e enérgica, lhes magnetiza os corações, na caprichosa e interminável esteira do tempo. Elas andam ocultas nas planícies da indiferença e nas montanhas da iniquidade deste mundo. Conservam, porém, consigo a mesma esperança na tua inesgotável misericórdia. **É com elas e por elas que, sob as tuas vistas amoráveis, trabalham os que já par-tiram para o mundo das suaves revelações da Morte. É com a fé admirável de seus corações que semeamos de novo, as tuas promessas imortais, entre os escombros de uma civilização que está agonizando, à mingua de amor. É por essa razão que, sem nos esquecermos dos pequeninos que agrupavas em derredor da tua bondade, nos recordamos hoje, em nossa Oração, das crianças grandes, que são os povos deste século de pomposas ruínas. Tu, que és o Príncipe de todas as Nações e a base sagrada de todos os surtos evolutivos da Vida Planetária; que és a misericórdia infinita, rasgando todas as fronteiras edificadas no Mundo pelas misérias humanas, reúne a tua Família Espiritual, sob as algemas da fraternidade e do bem que nos ensinas-te.**

Em todos os recantos do Orbe, há bocas que maldizem e mãos que exterminam os seus Semelhantes. Os Espíritos das Trevas fazem chover o fogo de suas Forças Apocalípticas sobre as Organizações Terrestres, ateando o sinistro incêndio das ambições, na Alma de Multidões alucinadas e desvalidas.

Por toda a parte, assomam os Falsos Ídolos da impenitência do mundo e místicas políticas, saturadas do vírus das mais nefastas paixões, entornam sobre os Espíritos o vinho ignominioso da Morte. Mas, Nós sabemos Senhor como são falazes e engana-dores as Doutrinas que se fartam da seiva sagrada e eterna dos teus Ensinos, porque dissipas misericordiosamente a confusão de todas as Almas, ainda que os seus arrebatamentos se apoiem nas paixões mais generosas.

Tu, que andavas descalço pelos caminhos agrestes da Galiléia; fazes florescer, de novo, sobre a Terra, o encanto suave da simplicidade no trabalho, trazendo ao mundo a luz cariciosa de tua Oficina de Nazaré. Tu, que és a essência de nossos pensamentos de verdade e de luz, sabes que todas as dores são Irmãs uma das outras, bem como as esperanças que desabrocham nos corações dos teus frágeis tutelados, que vibram nos mesmos ideais, aquém ou além das linhas arbitrárias que os Homens intitularam de fronteiras. Todas as expressões da Filosofia e da Ciência dos séculos terrenos passaram sobre o mundo, enchendo as Almas de amargosas desilusões. Numerosos Sábios e numerosos Políticos te ridicularizaram, desdenhando as tuas Lições inesquecíveis, mas, nós sabemos que existe uma verdade que dissimulaste aos mais inteligentes para a revelares às “Crianças”, encontrada, aliás, por todos os Homens, Filhos de todas as raças, sem distinção de crenças ou de pátrias, de tradições ou de família, que pratiquem a caridade em teu nome.

Pastor do “Rebanho de Ovelhas Tresmalhadas”, desde o primeiro dia em que o sopro divino da vontade do Nosso Pai fez brotar a erva tenra, no imenso campo da existência terrestre, pairas acima de todos os povos e de suas transmigrações incessantes, no curso do tempo, ensinando as criaturas humanas a considerar o nada de suas inquietações, em face do dia glorioso e infinito da Eternidade.

Agora, Senhor, que as “Línguas da Impiedade” conclamam as “Nações para um Novo Extermínio”, manifesta a tua bondade, ainda uma vez, aos Homens infelizes, para que compreenda, a tempo, a extensão do seu ódio e de sua perversidade. Afasta o Dragão da Guerra de sobre o coração dilacerado das mães e das crianças de todos os países, curando as chagas dos que sangram de dor selvagem à beira dos caminhos.

Revela aos Homens que não há outra força além da tua e que nenhuma proteção pode existir além daquela que se constitui da segurança de tua guarda. Ensina aos Sacerdotes de todas as Crenças do Globo, que falam em teu nome, o desprendimento e a renúncia dos bens efêmeros da vida material, a fim de que entendam as virtudes do teu Reino, que ainda não reside nas “Suntuosas Organizações dos Estados” deste Mundo.

Tu, que ressuscitaste Lázaro das sombras do sepulcro; revigora o Homem Moderno, no túmulo das suas vaidades apodrecidas! Tu, que fizeste que os cegos vissem, que os mudos falassem, abre de novo os olhos rebeldes de tuas Ovelhas Ingratas e de-senrola as línguas da verdade e do direito, que o medo paralisou, nesta hora torva de penosos testemunhos! Senhor, Desencarnados e Encarnados, trabalhamos no esforço abençoado de nossa própria Regeneração, para o teu serviço divino! Nestas lembranças do Natal, recordamos a tua figura simples e suave, quando ias pelas aldeias que bordavam o espelho claro das águas do Tiberíades.

Queremos o teu amparo, Senhor, porque agora o lago de Genesaré é a corrente represada de nossas próprias lágrimas. Pensamos ainda, ver-te, quando vinhas de Cesareia de Filipe para abraçar o sorriso doce das crianças.

De teus olhos misericordiosos e compassivos, corria uma fonte perene de esperança divina para todos os corações; de tua túnica humilde e clara, vinha o símbolo da paz para todos os Homens do Porvir e, de tuas palavras sacrossantas, vinha a Luz do Céu, que confunde todas as mentiras da Terra.

Senhor, estamos reunidos em teu Natal e suplicamos a tua bênção!... Somos as tuas crianças, dentro da nossa ignorância e da nossa indigência!... Apieada-te de nós e dize-nos ainda: “Meus filhinhos...”.

VII- Simeão e Jesus

Dizem que Simeão, o velho Simeão, homem justo e temente a Deus, mencionado no Evangelho de Lucas, após saudar Jesus criança, no templo de Jerusalém, conservou-o nos braços acolhedores de velho, a distância de José e Maria, e dirigiu-lhe a pa-lavra, com discreta emoção:

-

Celeste Menino, perguntou o Patriarca, porque preferiste a palha humilde da Manjedoura?

- Já que vens representar os interesses do Eterno Senhor na Terra, como não vestiste a púrpura imperial?
- Como não nasceste ao lado de Augusto, o divino, para defender o flagelado povo de Israel? Longe dos Senhores Romanos, como advogará a causa dos humildes e dos justos?
- Porque não vieste ao pé daqueles que vestem a toga dos magistrados? Então, podereis ombrear com os Patrícios Ilustres, movimentar-te ias entre Legionários e Tribunos, Gladiadores e Pretorianos, atendendo-nos à libertação.
- Porque não chegaste, como Moisés, valendo-se do prestígio da casa do faraó?
- Quem te preparará, Embaixador Eterno, para o Ministério Santo?
- Que será de Ti, sem lugar no Sinédrio? Samuel mobilizou a força contra os Filisteus, preservando-nos a superioridade: Saul guerreou até a morte, por manter-nos a dominação; David estimava o fausto do poder; Salomão, prestigiado por casamento de significação política, viveu para administrar os bens enormes que lhe cabiam no mundo.
- Mas... Tu? Não te ligaste aos Príncipes, nem aos Juízes, nem aos Sacerdotes.
- Não encontrarias outro lugar, além do estábulo singelo?

Jesus menino escutou-o, mostrou-lhe sublime sorriso, mas o Ancião, tomado de angústia, contemplou-o, mais detidamente, e continuou:

- Onde representarás os interesses do Supremo Senhor?
- Sentar-te-ás entre os Poderosos?
- Escreverás novos Livros da Sabedoria?
- Improvisará discursos que obscureçam os Grandes Oradores de Atenas e Roma?
- Amontoarás dinheiro suficiente para redimir os que sofrem?
- Erguerás novo Templo de Pedra, onde o rico e o pobre aprendam a ser filhos de Deus?
- Ordenará a execução da Lei, decretando medidas que obrigam a transformação imediata de Israel?

Depois de longo intervalo, Simeão por fim indagou em lágrimas:

- Dize-me, ó Divina Criança, onde representarás os interesses de nosso Supremo Pai?**

O menino tenro ergueu, então, a pequenina destra e bateu, muitas vezes, naquele peito envelhecido que se inclinava já para o sepulcro... Nesse instante, aproximou-se Maria e o recolheu nos braços maternos.

Somente após a morte do corpo. Simeão veio, a saber, que o Menino Celeste não o deixara sem resposta. O infante Sublime, no gesto silencioso, quisera dizer que não vinha representar os interesses do Céu nas organizações respeitáveis, mas efêmeras da Terra. Vinha da Casa do Pai justamente para representa-Lo no coração dos Homens.

VIII- Jesus e os Homens

E o Comentarista do Natal rematou a formosa alocução, com esse apontamento significativo:

- Pois e, meus Amigos!... Entre os Homens e Jesus existem correlações que não será lícito olvidar.

E prosseguiu, sereno:

- Quando se mostram ainda ignorantes de qualquer Ensino dele, é evidente que a Animalidade Primitivista lhes prepondera na formação.
- Quando dizem que a História do Senhor é simples balela, conquanto lhe conheçam os fundamentos, desejam tão somente rechaça-lo de suas existências, a fim de que não se vejam incomodados na viciação a que se afeiçoam.
- Quando afirmam que a intimidade do Eterno Benfeitor é privilégio da Organização Religiosa a que pertençam querem segrega-lo no círculo de seus caprichos estreitos.
- Quando perdem a veneração pelo Arauto das Verdades Eternas é porque fogem de conservar o respeito a si mesmos, nos compromissos que assumem.
- Quando asseveram que o Cristo é uma criatura vulgar, à feição de qualquer “Outra” que haja passado pelo crivo da Terra, pretendem apresentar a si próprios na suposta condição de pessoas iguais ao Cristo.
- Quando propalam que o Senhor está superado, em suas Instruções para a Vida Espiritual, é que aspiram a inclinar os corações que os ouvem a partilhar-lhes a irresponsabilidade ou a rebeldia.
- Quando se queixam de que o Divino Mestre não lhe atende as petições, é que anseiam quebrar as leis que nos regem, na estulta presunção de se imporem a ele.
- Quando sabem quem é Jesus e lhe negam autoridade para comandar-lhes a vida, são “Menores de Espíritos”, transitoriamente acomodados no distrito dos preconceitos.

Ante a pausa que se fez natural, abeirou-se um Companheiro Espiritual e inquiriu:

- Caro Mentor, podemos conhecer os Homens que estejam em caminho certo?

O Venerando Amigo Espiritual replicou, sem pestanejar:

- Recordemos as palavras do próprio Mensageiro Angélico, ao dizer-nos, imperturbável, que “Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua Cruz e Siga-me...”. Os que transitam na estrada real da redenção revelam-se por semelhante atitude, sem embargo da seita a que pertença.

Observando que as comemorações natalinas estavam prestes a terminar, foi, então, a minha vez de consultar o admirável Expositor de Doutrina; sobre quem desfechei a derradeira pergunta:

- Professor, como saber, do “Ponto de Vista Espiritual”, qual é a posição de cada Inteligência Humana, diante do Enviado de Deus?

O interpelado fixou em mim os olhos sublimes, que pareciam traspassados de raios estelares, e pronunciou a última resposta, que transmito aos que porventura me leiam, à guisa de meditação para o Natal:

- Meu amigo, pergunte a cada Homem e a cada Mulher do seu caminho o que pensam do Cristo de Deus, e pelas afirmações pessoais que lhes derem, você reconhecerá, de pronto, em que situação íntima se encontra cada um deles, porquanto a nossa opinião individual sobre Nosso Senhor Jesus Cristo denota imediatamente a posição em que nos achamos, no território infinito da Vida Eterna.

Fonte

Antologia Mediúnica do Natal- Humberto de Campos, Emmanuel, André Luiz e outros e Chico Xavier, FEB, 1967.

r, FEB, 1941